

AS ESCOLAS ITINERANTES DO MST NA LUTA PELA TERRA NO PARANÁ

Gabriela de Menezes Fernandes¹

Resumo

Este trabalho traz a discussão sobre as Escolas itinerantes do MST localizadas no estado do Paraná. Tem como objetivo compreender estas escolas enquanto expressões territoriais do processo de resistência e luta pela terra. Identificando sua importância nestes territórios, fortalecendo a luta pela terra, bem como a própria identidade camponesa. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa predominantemente qualitativa, com o auxílio de trabalhos de campo como forma de trazer as vozes dos sujeitos que presenciam essa realidade, através de entrevistas semi-estruturadas e não-estruturadas. Estes trabalhos de campo foram realizados em duas Escolas itinerantes (Escola itinerante Herdeiros do Saber e Escola itinerante Vagner Lopes) e também na Escola base (Colégio Estadual Iraci Salete Strozaki). Foram confeccionados mapas também, com o objetivo de espacializar a territorialização das itinerantes no estado do Paraná e como forma de relacionar elas com os acampamentos do MST.

Palavras-chave: Educação do Campo, Escola itinerante, MST, luta pela terra.

Introdução:

Este texto faz parte da pesquisa de Mestrado em Geografia, ainda em processo de construção, intitulada “As Geografias das Escolas itinerantes do MST: como a Educação do Campo fortalece a luta pela terra no Paraná” e tem como objetivo trazer um importante fragmento desse trabalho maior, que é demonstrar a relevância das Escolas itinerantes, bem como da própria Educação do Campo, para a luta pela terra, a partir do olhar da Geografia.

As Escolas itinerantes são escolas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) localizadas em seus acampamentos. Elas surgem a partir da necessidade de se ter escolas nestes territórios que estão em constante movimento, já que por direito as crianças e adolescentes deveriam ter este acesso que muitas vezes não se tem. E é a partir desta ausência de políticas públicas para os sujeitos do campo que estão mobilizados em luta pela terra, que se constituem as Escolas itinerantes, expressando resistência à falta de acesso, à negação de direitos, criando suas próprias formas de garantir algo que lhes é de direito, mas ainda negado.

Esta ausência de olhares, políticas e programas públicos para os sujeitos do campo, não é só observado a partir das escolas. Este é um processo verificado em vários aspectos do

¹ Universidade Federal do Paraná – gabsmferrandes@gmail.com

campo e há muitas décadas, intensificado principalmente desde a década de 1960, quando o Estado brasileiro começa a trazer para o campo a modernização, entendida por muitos como conservadora². Os interesses voltados para o desenvolvimento de uma agricultura capitalista com intensa interferência financeira do Estado, fez com que a agricultura camponesa perdesse suas terras e sua renda. Entende-se aqui, que este processo gerou a expulsão dos camponeses de seus territórios, os quais tiveram que se reinventar e resistir frente a tantas formas de marginalização, a qual resulta em diversos elementos negativos de ordem socioeconômicos, evidenciados por um processo histórico de negação do saber, da cultura, dos territórios e da identidade dos sujeitos do campo. Estas resistências são encontradas pelo campo e podem ser vistas a partir de movimentos sociais, como é o caso do MST, que luta pela distribuição de terra e de renda no Brasil e reivindica direitos historicamente negados.

Dentre estes direitos que lhes é negado, está a educação e foi entendendo sua importância e necessidade que os movimentos sociais do campo lutaram e construíram a Educação do Campo. Ela é uma forma de educação pensada e construída pelos sujeitos do campo, que fortalece a resistência nos territórios, pois se constitui a partir da realidade vivida por eles e, acima de tudo, está comprometida com o projeto de sociedade e de campo que os camponeses almejam.

Apesar das conquistas no âmbito das políticas e também da consciência da importância de uma Educação do Campo, a estrutura agrária brasileira ainda se encontra extremamente conservadora, sendo a aprovação de leis e textos insuficientes para romper com essas estruturas que fomentam cada vez mais as desigualdades sócio territoriais e a marginalização dos sujeitos do campo, seja quanto à distribuição de terras e também ao acesso à educação. Isso contribui para entender que há em processo uma apropriação estratégica do termo Educação do Campo pelo Estado capitalista que, com seus diferentes interesses, não incorpora os princípios básicos, esvazia de conteúdo e não conta com medidas para, de fato, possibilitar o acesso à Educação do e no Campo.

É nesse contexto de luta, através da Educação do Campo, que as Escolas itinerantes são, além de uma forma de resistência nos territórios em meio à ocupação, um contraponto ao ensino tradicional preconizado pelas instituições e pelo Estado brasileiro. Isso porque propõe e faz uma educação voltada para a emancipação, produz diferentes relações dentro da sala de aula - não é hierárquica, considera os saberes e demandas dos próprios educandos - e constrói

² Sobre o tema sugerimos DELGADO (2010).

uma educação voltada para sua realidade, contribuindo para suas lutas e para a afirmação e fortalecimento da identidade camponesa. Diferente do ensino tradicional que tende a homogeneizar todos os educandos, sem considerar suas especificidades, sendo o professor mero transmissor e único detentor do conhecimento.

O objetivo geral da pesquisa é compreender as Escolas itinerantes do MST como expressões territoriais do processo de resistência e luta pela terra no estado do Paraná. Como objetivos específicos tem-se a espacialização, através de um conjunto de mapas, das Escolas itinerantes localizadas no estado do Paraná entre os anos de 2003 até o ano de 2017. Além disso, a compreensão da Escola itinerante nas áreas de conflito por terra e território dentro do estado do Paraná enquanto expressões territoriais das resistências e lutas do MST. Ou seja, relacionar a localização destas escolas com as áreas de conflito e entender a importância delas nestes territórios, como forma de resistência e de luta. Para isso, foram realizados trabalhos de campo que ocorreram em Escolas itinerantes dentro do recorte territorial pensado para a pesquisa, que é o estado do Paraná. O último dado coletado quanto ao número destas escolas no estado indicou 12 existentes, mais a Escola Base das Escolas Itinerantes, contabilizando um total de 13 locais a serem analisados. Devido ao curto período para a realização da pesquisa, optou-se por escolher duas escolas. Estas foram escolhidas após a análise dos dados referentes a conflitos por terra no Paraná e a partir da localização dos acampamentos, percebendo a importância de determinadas regiões e a relevância dessas escolas nos territórios da reforma agrária. Optou-se então pela Escola itinerante Vagner Lopes no acampamento Dom Tomás Balduino em Quedas do Iguaçu e pela Escola itinerante Herdeiros do Saber do acampamento Herdeiros da Luta de 1º de maio no município de Rio Bonito do Iguaçu. Esta localidade se torna importante justamente pela quantidade de famílias nestes acampamentos, bem como, a relevância destas escolas neste território. Ambas, possuem mais de uma sede para que seja possível atender a demanda desta região e a grandiosidade destes acampamentos. Por exemplo, a Escola itinerante Vagner Lopes, possui a sede I e a sede II. E a Herdeiros do Saber possui as sedes I, II, III e IV. Durante o trabalho de campo nos acampamentos conhecemos a sede principal de cada escola, por isso, a contabilização de duas escolas visitadas. Os trabalhos de campo foram importantes para que se pudesse trazer para a pesquisa o olhar dos próprios sujeitos construtores destas escolas e que vivenciam diariamente esta realidade.

Para além dessas, foi realizada a visita na Escola Base das Escolas itinerantes, chamada de Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, localizada no assentamento Marcos Freire em Rio Bonito do Iguaçu, pois é neste local que há toda a documentação legal das demais Escolas itinerantes, o Projeto Político Pedagógico das escolas, entre outros documentos importantes.

Como procedimentos metodológicos, tem-se, primeiramente, mas não necessariamente nesta ordem, o levantamento bibliográfico. Neste procedimento, foram levantadas diversas bibliografias sobre o tema da pesquisa e que se relacionam com ela, como artigos científicos, Monografias, Dissertações e Teses, bem como livros que tratam da temática, além de notícias e informações em jornais, revistas e sites. Apesar de o trabalho consistir em análises predominantemente qualitativas, como afirmado anteriormente, incorporou-se alguns aspectos quantitativos à pesquisa, como do levantamento do número de Escolas itinerantes no Paraná, número de educandos que acessam estas escolas, séries ofertadas em cada uma, número de educadores e funcionários, processos de transformação de Escolas itinerantes em Escolas do campo, bem como dados junto ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) referentes a número de acampamentos no estado do Paraná, número de famílias, localização destes acampamentos, data de início e se havia ou não escola neste território. Foram também utilizadas entrevistas semi-estruturadas e entrevistas não-estruturadas durante os trabalhos de campo com coordenadores das Escolas itinerantes e diretores da Escola Base. E para a elaboração dos mapas foi utilizado o software ArcGIS 10.3 bem como os dados cedidos pelo INCRA e pelo Setor de Educação do MST.

As Escolas itinerantes

A mobilização dos movimentos sociais do campo principalmente na década de 1990 demandando políticas e ações voltadas para a educação foram muito importantes para a consolidação da discussão e da defesa da Educação do Campo. Hoje em dia, percebemos facilmente as mudanças que estas lutas trouxeram, as conquistas realizadas tanto no meio político - na luta por políticas públicas e também na disputa por concepções de escola - quanto na visão e consciência destes sujeitos que passaram a se compreender como sujeitos de direitos e passam a demanda-los. Tais elementos foram muito importantes para a transformação do campo brasileiro em várias esferas, sobretudo naquelas da reforma agrária.

Contudo, é preciso atentar para o fato de que apesar da conscientização por parte dos sujeitos e das conquistas na esfera política, as desigualdades sociais e educacionais no campo ainda são muito grandes e isso é consequência de diversos elementos. Um destes é a própria estrutura fundiária do campo brasileiro, que concentra terras e fomenta desde há muito tempo a desigualdade no campo. Ora, nos parece distante a relação entre concentração de terras e desigualdades educacionais, entretanto, tudo está extremamente interligado e ainda mais, fazem parte de estratégias para a permanência de um projeto de campo e de sociedade muito evidente, pautado por uma parcela reduzida da população, como latifundiários e empresários do agronegócio, estimulado pelo Estado burguês. O que percebemos que se há a concentração de terras na mão de uma pequena parte da população, uma significativa outra parte desta permanece no campo sem terra ou são expulsos do campo e como alternativa se instalam nas cidades e, além disso, sem acesso aos demais direitos fundamentais, assegurados pela Constituição, como educação, a moradia, a saúde, entre outros. Maria Antonia de Souza (2012) nos explica que isso faz parte de um projeto para o Brasil que atende a “[...] ideologia de que o campo está “esvaziado” e de que pessoas que trabalham a terra não necessitam de estudos” (p. 751). Concepção esta vinculada ao projeto de país das classes hegemônicas e preconceituosa, resquício da modernidade colonial, a qual não considera a existência de outros saberes, nem mesmo dos sujeitos que vivem no campo, contribuindo ainda mais para as desigualdades sócio-territoriais.

Neste sentido, a Educação do Campo se torna uma importante conquista e também instrumento de luta, visto que, luta pela educação, mas também está alinhada à luta pela terra e por direitos fundamentais, que ainda são negados ou negligenciados aos povos do campo. Entendemos aqui que a Educação do Campo extrapola os limites da sala de aula, pois traz à tona o questionamento não só da lógica educacional tradicional, mas também do que se entende por campo, e de qual modelo de campo os sujeitos almejam.

As Escolas itinerantes, com esta denominação, tiveram sua origem em meados da década de 1990 no estado do Rio Grande do Sul, para designar as escolas localizadas dentro dos acampamentos do MST. A experiência dentro dos acampamentos já existia desde o início dos anos de 1980. Contudo, a legalização delas neste estado ocorreu no ano de 1996 e só mais tarde foram criadas experiências iguais em outros estados do país, como no Paraná, Santa Catarina, Goiás, Alagoas e Piauí. No Paraná, a legalização das escolas aconteceu no ano de

2003, mas assim como nas demais regiões, já havia experiências de escolas em acampamentos - sem esta denominação - antes desta data.

A Escola itinerante é uma materialização da política da Educação do Campo que, no Paraná, foi criada durante a gestão do governador Roberto Requião (2003-2006). Seu objetivo é cumprir com a demanda do acesso à educação que se manifesta através das lutas dos povos do campo. Sua peculiaridade está na localização, pois além de estar no campo, a escola itinerante se insere em um território de extrema conflituosidade e instabilidade, visto que pertence aos acampamentos, que estão em constante movimento, passando por diversos momentos de enfrentamento, despejos, realocações, entre outros conflitos.

O estado do Paraná atualmente conta com doze³ Escolas itinerantes espalhadas por diversos municípios, são elas: Escola itinerante Caminhos do saber, acampamento Maila Sabrina, município de Ortigueira; Escola itinerante Carlos Marighella, acampamento Elias Gonçalves de Meura, município de Planaltina do Paraná; Escola itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu, município de Porecatu; Escola itinerante Paulo Freire, acampamento Reduto de Caraguatá, município de Paula Freitas; Escola itinerante Valmir Motta de Oliveira, acampamento Companheiro Keno, município de Jacarezinho; Escola itinerante Semeando Saber, acampamento Zilda Arns, município de Florestópolis; Escola Itinerante Herdeiros do Saber I – II – III e IV⁴, acampamento Herdeiros da Terra de 1º de maio, município de Rio Bonito do Iguaçu, Escola itinerante Vagner Lopes I e II⁵, acampamento Dom Tomás Balduino, município de Quedas do Iguaçu. Contabiliza-se o número 1896 de educandos⁶ que acessam hoje em dia essas escolas, nos mais diversos níveis, Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais e finais e Ensino médio, bem como, a modalidade de EJA em alguns casos.

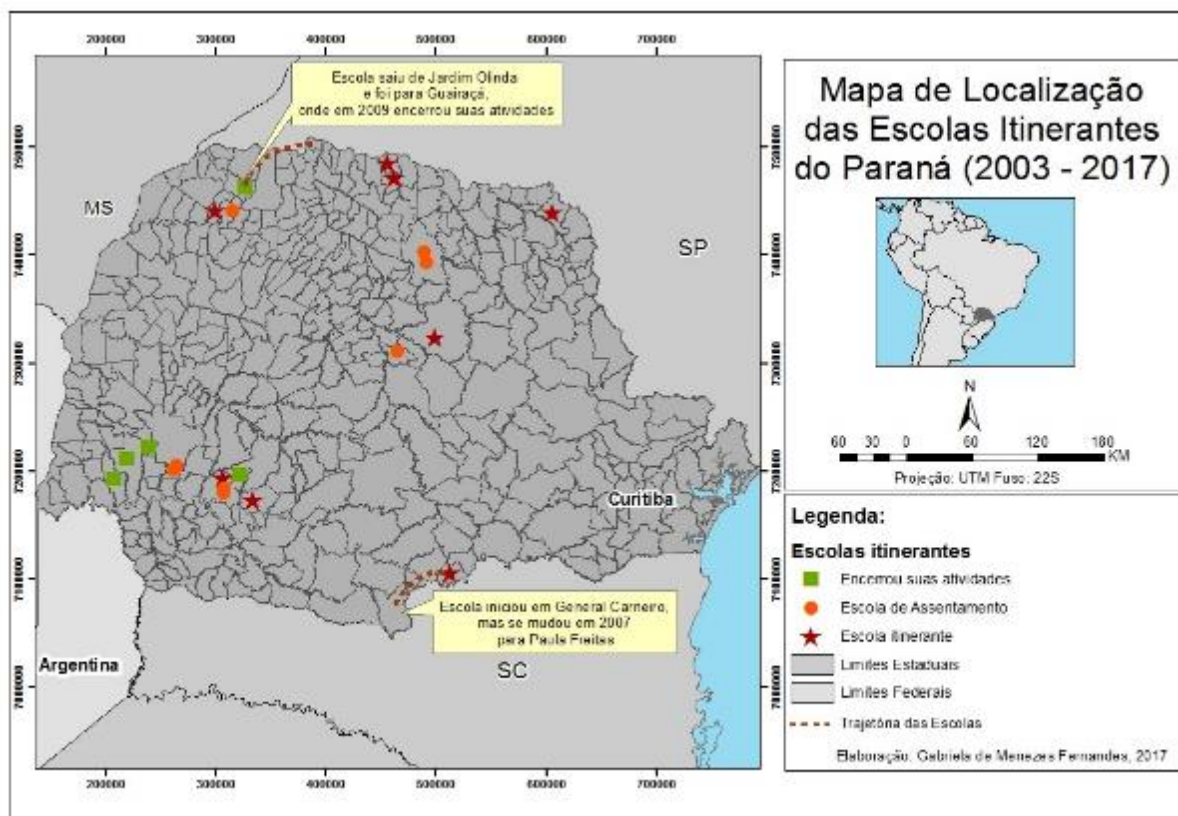
³ Dados de 2016 disponibilizados pelo Setor de Educação do MST.

⁴ O acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no município de Rio Bonito do Iguaçu tem aproximadamente 2500 famílias, cerca de 7000 pessoas, de acordo com notícia veiculada no site do MST (<<http://www.mst.org.br/2015/07/21/durmam-de-botina-a-historia-de-um-acampamento-sem-terra-no-parana.html> - acesso em 13/05/2017>) e também de acordo com os entrevistados durante o campo realizado nesta região. Nesta área, há 4 Escolas itinerantes vinculada a um mesmo nome “Escola itinerante Herdeiros do Saber I, II, III, IV”. Na descrição das Escolas itinerantes contabilizamos quatro escolas, entretanto, na representação de mapas, optamos por usar a contabilização de uma escola em razão da escala utilizada, o que dificultaria a visualização.

⁵ Assim como a Escola itinerante Herdeiros do Saber a Escola itinerante Vagner Lopes em Quedas do Iguaçu também possui duas unidades, porém com o mesmo nome, justamente pelo elevado número de famílias, cerca de 700, e consequente demanda por escolas, no mapa optamos por representá-las com apenas um ponto e não dois também em razão da escala utilizada.

⁶ Dados disponibilizados pelo Setor de Educação do MST, referentes ao ano de 2016.

Desde o ano de 2003, ano de institucionalização das Escolas itinerantes, foram constatadas 21 Itinerantes no Paraná, algumas delas, contudo, não existem mais, por diferentes motivos como despejos, realocações, outras foram transformadas em escolas de assentamento, como podemos observar no Mapa 1.



Mapa 1 - Localização das Escolas itinerantes no Paraná (2003-2017)

No Mapa 1 podemos observar a especificidade das Escolas itinerantes, que se movimentam pelos territórios para acompanhar os acampamentos. Em um dos casos em destaque no mapa temos a Escola itinerante Paulo Freire, hoje em dia localizada no acampamento Reduto do Caraguatá, mas que iniciou suas atividades a partir de um coletivo no Assentamento Etiene, em Bituruna, o qual cedeu espaço para um acampamento em junho de 2003. Neste ano, em agosto, um grupo de quatrocentas e cinquenta famílias do acampamento em Bituruna, ocupou a Fazenda Zattar em General Carneiro, criando o acampamento 1º de maio. Em 2007, em razão de diversos conflitos no acampamento, que colocavam em questão os próprios princípios do Movimento, o grupo se retirou do local e a escola após sofrer diversas ameaças acabou saindo também. No final do ano de 2007, a Escola itinerante Paulo Freire retoma suas atividades no acampamento Reduto do Caraguatá no município de Paula Freitas, onde permanece até hoje. (SAPELLI, 2013). Muitas escolas

encerraram suas atividades durante esses anos, principalmente em razão de despejos, algo muito comum, infelizmente, nos acampamentos e nos processos de luta pela terra, e que muitas vezes são acompanhados de violência e truculência por parte dos proprietários de terra ou da própria polícia.

O Movimento desde o início de sua luta sempre se preocupou com a escolarização de suas crianças e adolescentes. Enquanto acampados esta preocupação era muito visível, visto que o número de crianças nos acampamentos era bastante significativo. De acordo com o próprio MST (2008), nos primeiros acampamentos no estado do Paraná, que estavam localizados nos municípios de Quedas do Iguaçu e Cascavel havia aproximadamente 800 crianças e adolescentes sem acesso à educação.

Para atender essa demanda inicial, o Movimento organizou espaços direcionados para o cuidado das crianças, com atividades não escolares, porém, educativas. Consideramos interessante avaliar a importância desses momentos, de espaços educativos não formais que, apesar de não terem o valor legal de uma instituição escolar formal, contribuem significativamente para o processo de luta e para a formação destes sujeitos. Entretanto, estes espaços não eram suficientes e muitos pais matriculavam seus filhos nas escolas das cidades, o que causava diversos problemas, primeiro com relação ao próprio acesso à estas escolas, que era dificultado em razão das longas distâncias, da falta de transporte adequado e da situação das estradas; segundo quanto às discriminações que estas crianças sofriam por serem de um Movimento Social, por serem sem-terra. Além disso, como os acampamentos são muito dinâmicos e estão sempre em movimento, as crianças acabavam entrando ou tendo que deixar estas escolas no meio do ano, quando ocorria um despejo ou mudavam de lugar, fazendo com que eles muitas vezes perdessem o ano letivo.

Diante deste contexto o Movimento, juntamente com o seu Setor de Educação, começou a pensar em novas possibilidades que atendessem a essa demanda dos acampados. “A expectativa era ter uma escola que participasse da vida do acampamento, que respeitasse a sua realidade e que a tomasse como ponto de partida para suas práticas pedagógicas” (MST, 2008, p. 13).

Frisamos aqui o quanto é relevante entender que esta escola compõe e foi criada como parte do acampamento e serve como instrumento de luta, pois defende uma educação que tenha como foco a realidade dos seus sujeitos, suas demandas, a fim de contribuir para a

emancipação dos mesmos e para a tomada de consciência, entendendo que são sujeitos de direitos, o que de fato reflete em suas lutas.

Levando em conta que infelizmente nem todos os acampamentos tem estrutura organizativa para a consolidação de uma escola em seu território, contamos com um número reduzido de Escolas itinerantes no estado do Paraná, ao compararmos com o número de acampamentos. De acordo com dados fornecidos pelo INCRA⁷, temos no Paraná 83 acampamentos do MST e quase 10 mil famílias acampadas, para apenas 12 escolas itinerantes. Apesar do número reduzido, proporcionalmente falando, entendemos que cada escola tem sua importância, pois produzem em seus territórios, além da formação destes educandos, formas de resistência e instituições que se contrapõem e questionam o sistema escolar como um todo. A partir do momento que se tem uma escola no acampamento, a luta se constrói de maneira diferenciada, seja pela ampla participação daqueles que talvez tivessem dificuldades de participar, justamente pela falta da escola, seja pela tomada de consciência coletiva do direito que cada sujeito tem de ter acesso à educação, também pela importância da formação deles em seus próprios territórios, próximos de sua realidade e incorporando-a nas práticas e processos educativos, que ultrapassam os limites da escola.

Além das Escolas itinerantes há também a Escola Base, localizada no município de Rio Bonito Iguaçu no Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak. A Escola Base é o local onde está toda a parte legal das Escolas itinerantes, pois há a necessidade de um espaço fixo que possa concentrar todas as documentações. Ela é responsável por representar institucionalmente as Escolas itinerantes perante a Secretaria Estadual de Educação do Paraná e também pela certificação dos educandos. De acordo com a vice-diretora do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak⁸ passa pela Escola base todo tipo de documento das Itinerantes, desde requerimento para matrícula, processos de transferência de aluno, documentações pessoais, históricos escolares, pareceres, fundo rotativo. Ela conta que diferentemente das demais escolas, a gestão de uma escola como a Iraci Salete Strozak é muito complexa, explica que, por exemplo, o sistema da escola chega a trabalhar com 3000 alunos, pois inclui todos aqueles das Itinerantes mais os do próprio Colégio Iraci Salete Strozak.

⁷ Dados de novembro de 2015.

⁸ Entrevista concedida à Gabriela de Menezes Fernandes no dia 03/08/2016.

O Colégio Iraci Salete Strozak, que é uma escola pública, foi escolhido como Escola Base justamente por conta da sua proximidade com o Movimento - política, ideológica e pedagógica - por ter sido gerida a partir da luta, por ter mantido, mesmo enquanto escola inserida no sistema de ensino do Estado, as concepções e princípios da Pedagogia do Movimento e por estar localizado em uma área de Reforma Agrária, no caso no assentamento Marcos Freire. Isso significa que há dentro da Escola base e se passa para as demais Escolas itinerantes, uma perspectiva de formação crítica e comprometida com as demandas dos sujeitos do campo e principalmente do MST.

Tanto o Colégio, quanto as Itinerantes seguem o mesmo projeto político pedagógico que foi aprovado após muita pesquisa e luta por parte do Setor de Educação do Movimento, das comunidades locais bem como dos educadores e educadoras das Escolas itinerantes e da Escola Base.

A territorialidade das Escolas itinerantes no Paraná.

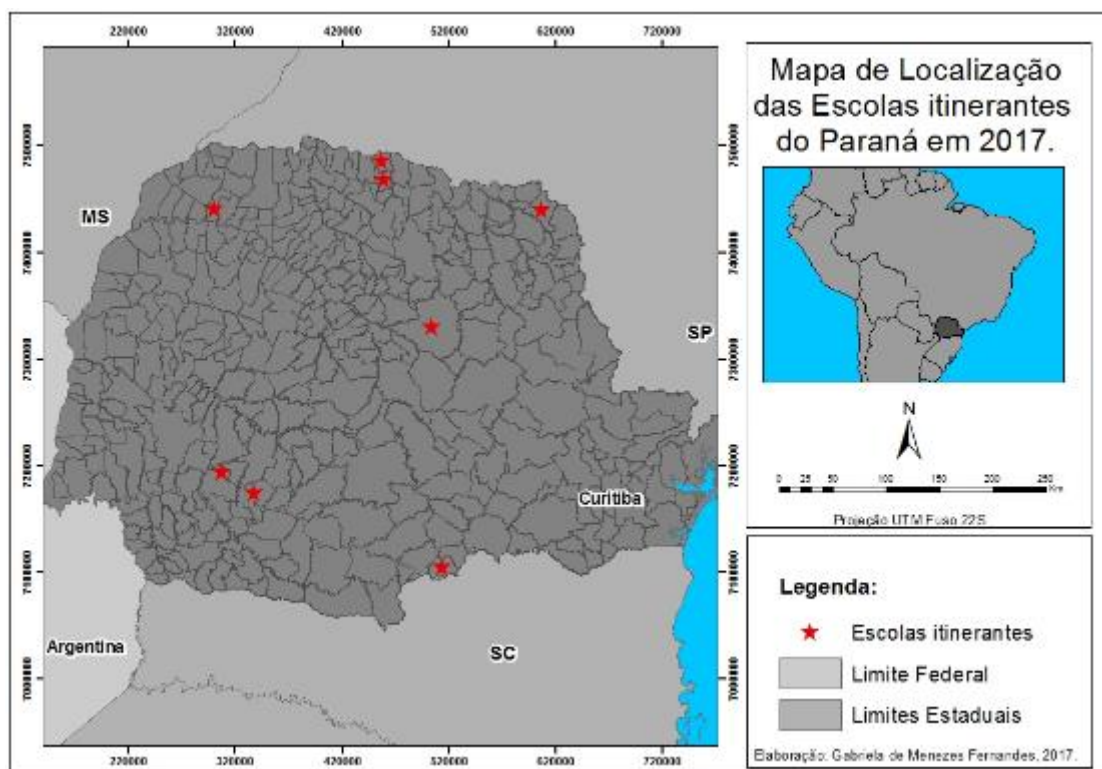
As Escolas itinerantes no Paraná, como citado anteriormente, estão localizadas em acampamentos do MST, estes territórios compreendem uma gama de relações que os transformam em espaços contra hegemônicos e, por isso, é importante que tenhamos o conhecimento, primeiramente de onde estão localizados, mas também de quais são essas relações e transformações.

Antes de visualizarmos os mapas dos territórios das Escolas itinerantes, devemos aqui explicar o que entendemos por território. Para isso, baseamo-nos no conceito de Marcelo Lopes de Souza que afirma que:

O que “define” o território é, em primeiríssimo lugar, o *poder* – e, nesse sentido, a dimensão política é aquela que, antes de qualquer outra, lhe define o perfil. Isso não quer dizer, porém, que a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades...) e mesmo a economia (o trabalho, os processos de produção e circulação de bens) não sejam relevantes ou não estejam “contemplados” ao se lidar com o conceito de território. (SOUZA, 2015, p. 55).

Mas, além disso, gostaríamos de enfatizar que o território é ainda resultado das territorialidades realizadas pelos grupos humanos, destacando, sobretudo a relação espaço-tempo a qual está na base da organização territorial (SAQUET, 2009, p. 75).

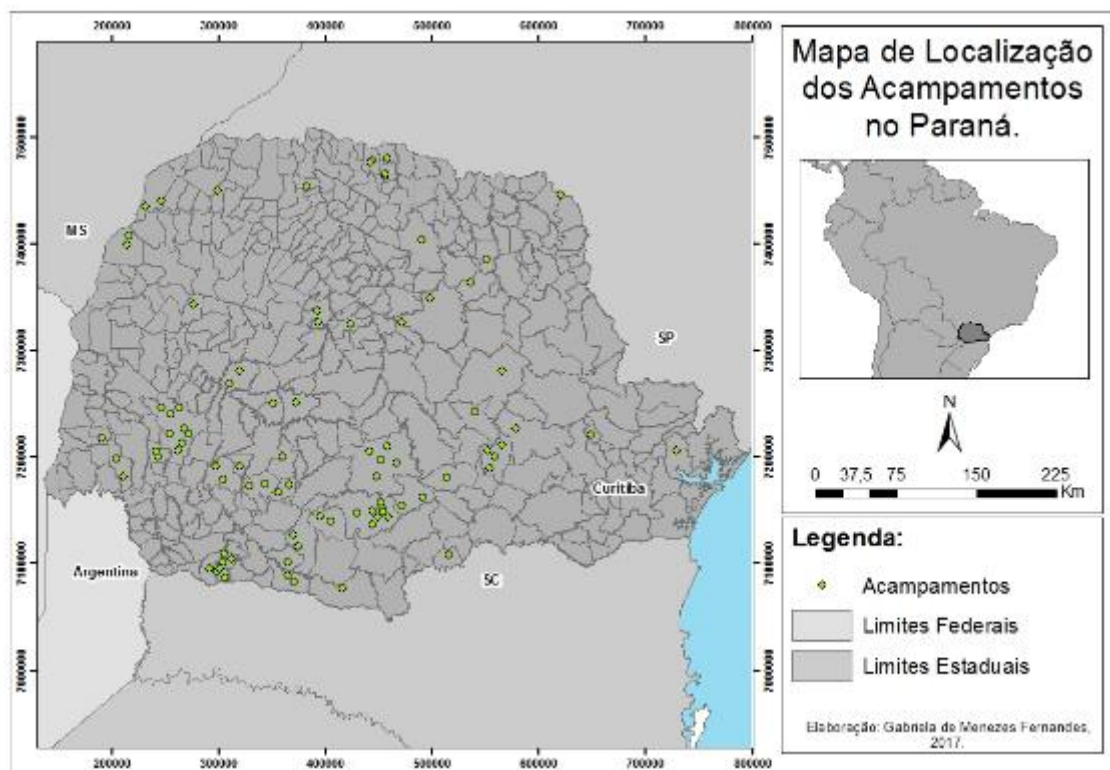
Como vimos anteriormente hoje em dia temos no Paraná doze Escolas itinerantes espalhadas pelo estado, mas não de forma homogênea, ou seja, há regiões no estado em que temos maior presença de escolas como podemos observar no Mapa 2, a seguir. Voltamos a enfatizar que em razão da escala escolhida no mapa, optamos por representar as Escolas itinerantes Herdeiros do Saber I, II, III e IV e a Vagner Lopes I e II, localizadas em Rio Bonito do Iguaçu e Quedas do Iguaçu, respectivamente, com apenas um ponto cada uma delas.



Mapa 2 – Localização das Escolas itinerantes no Paraná em 2017

Percebe-se que, além do número reduzido de escolas, estas estão mais concentradas na região norte e centro-sul do estado. São diversos os fatores que podem explicar suas localizações, o primeiro deles se deve ao fato de que as Escolas itinerantes são criadas em acampamentos que têm certa estrutura e organização, o que “facilitaria” a instalação e gestão das mesmas, outro fator é o número de famílias e, conseqüentemente, a demanda por escolas devido ao número de crianças e adolescentes em idade escolar. Mas para além destes dois fatores, devemos atentar para um fato evidente, de extrema importância para nossas análises, que é a relação entre a localização das Escolas itinerantes e os acampamentos do MST.

Ora, nos parece óbvia esta relação, visto que as Escolas itinerantes para existirem devem estar inseridas dentro de um acampamento, porém, o que percebemos é que grande parte das escolas estão localizadas em regiões onde há adensamento de acampamentos com expressivos números de famílias e ainda onde se concentram diversos conflitos por terra. Para facilitar nossa compreensão, observemos o Mapa 3, que traz a localização dos acampamentos existentes no Paraná⁹.



Mapa 3 – Acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Paraná

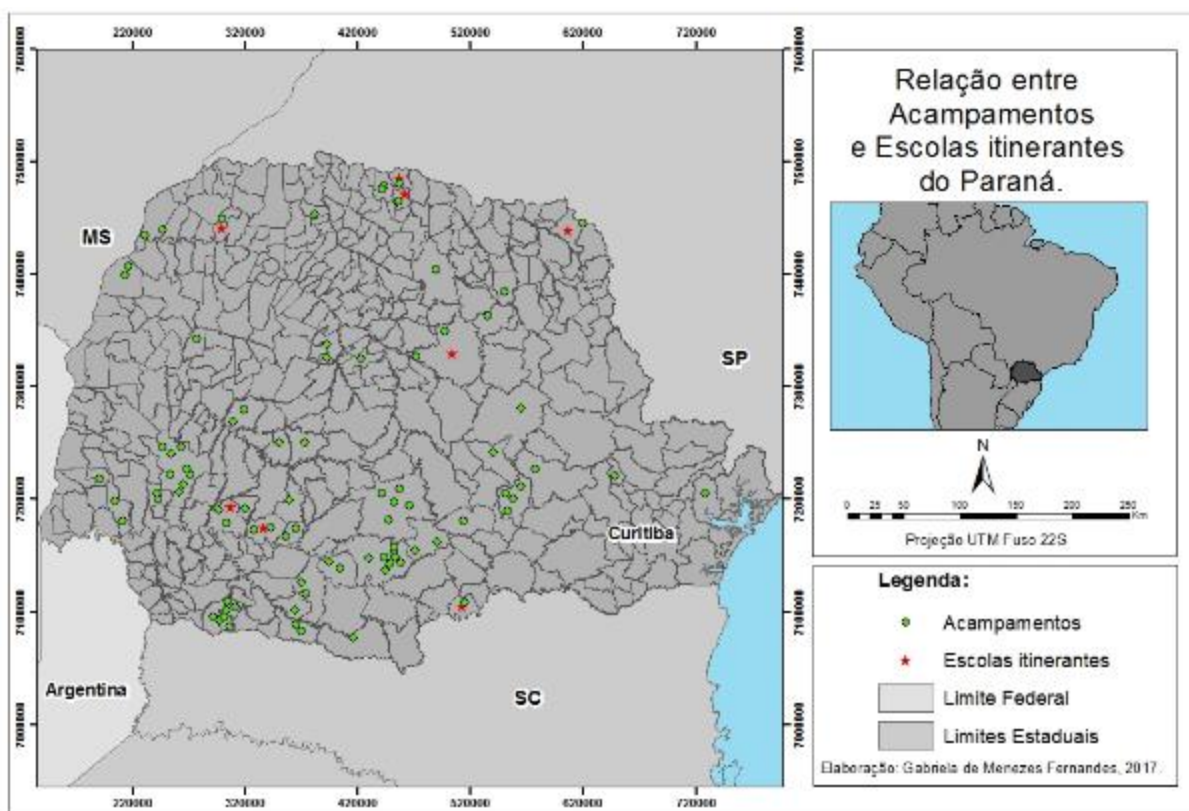
Ao analisarmos este mapa, constatamos logo de início certa aglomeração de acampamentos nas mesorregiões centro-sul, oeste e sudoeste do estado. São diversos os elementos que devem ser considerados ao analisar a ocupação de um território, tanto físicos como o relevo, o solo e o clima, mas também as questões sociais, econômicas e históricas. Atentamos nossa análise mais para estes três últimos.

Uma das explicações para esta configuração é a própria ocupação e organização espacial das regiões. A mesorregião centro-sul, por exemplo, tem como característica a existência de grandes propriedades rurais reservadas à pecuária extensiva e imensas reservas

⁹ Mapa desenvolvido com dados do INCRA do ano de 2015 de acampamentos do MST. Há certa divergência quanto ao número exato de acampamentos devido ao critério utilizado para considerar áreas de ocupação ou não, geralmente por algumas estarem já em processos de regularização.

florestais destinadas à exploração e comercialização de madeira. Além disso, ainda há a produção de soja e milho para a exportação, que recentemente tem assumido um relevante papel nesta região que teve diversos conflitos agrários, em vista da elevada concentração e grilagem de terras. (ROSS, 2010). Devemos considerar também que a colonização que ocorreu no estado, também influenciou essa configuração territorial. Entre meados dos séculos XIX e XX as terras da região ocidental do Paraná, foram concedidas a empresários estrangeiros e também para latifundiários nacionais, que deveriam colonizar estas áreas, entretanto, o que ocorreu foi a exploração das madeiras, da erva-mate e de outros bens naturais da floresta e das áreas de campo, sem a efetivação do povoamento estrangeiro da região, já povoada por indígenas e posseiros, gerando posteriormente diversos conflitos agrários.

Como forma de visualizarmos melhor estes territórios de luta e de resistência em que estão inseridos os acampamentos e as Escolas itinerantes, confeccionamos um mapa que sobrepõe as localizações de ambos os elementos que pode ser observado a seguir:



Mapa 4 – Relação entre acampamentos e Escolas itinerantes no Paraná.

Podemos afirmar que a maioria das Escolas itinerantes no Paraná se encontram nas áreas de maior concentração de acampamentos e que são também regiões que compreendem grande parte dos conflitos por terra no Paraná.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira, em um texto divulgado no relatório de Conflitos no Campo da CPT (Comissão Pastoral da Terra) traz uma análise a respeito dos conflitos no campo no ano de 2015 no Brasil. Ele relata que o número de ocorrências de conflitos no campo foi de 1271, contra 1286 em 2014, e envolveu mais de 816 mil pessoas.

Os assassinatos foram 50 ante os 36 casos de 2014, portanto, aumento de 39%, embora, tenha diminuído um pouco o número de conflitos. Assim continua ampliando-se a barbárie no campo brasileiro. Entre os conflitos, dominaram aqueles por terra com 63,4%, e, entre eles as ocorrências foram 771 (793 em 2014), as ocupações e retomadas 200 (205 em 2014) e 27 os acampamentos novos (20 em 2014). Os conflitos trabalhistas chegaram a 84, sendo que 80 foram casos de trabalho escravo. Ocorreram também, 135 conflitos por água em 2015. (OLIVEIRA, 2015, p. 33).

Ao tratar a respeito da localização destes conflitos, Ariovaldo explica que os mesmos continuam presentes em toda a extensão do território brasileiro e que aqueles por terra não ocorrem somente em áreas de fronteira e sim também em áreas de ocupação antiga dominada pelo agronegócio. (OLIVEIRA, 2015). Nesta análise, Ariovaldo demonstra que a região dos estados do Pará, Maranhão e Tocantins são as regiões mais violentas do campo brasileiro. E que o estado do Paraná está em grande destaque também. De acordo com o texto são 120,6 mil famílias envolvidas em conflitos por terra no Brasil, e o Paraná fica em quinto lugar, com 7,3 % deste número. (OLIVEIRA, 2015).

Educação do Campo fortalecendo a luta pela terra

A preocupação com a educação sempre foi algo muito presente dentro do MST, desde suas primeiras organizações o cuidado com as crianças e com a oferta da educação são temas latentes. A criação do Setor de Educação dentro no Movimento no ano de 1987 é um exemplo notório de que a educação sempre foi uma das bandeiras de luta do MST, que evidentemente com o passar do tempo, se transformou e se aperfeiçoou, incorporando hoje em dia debates que naquela época nem mesmo existiam, pois a grande preocupação de fato era o acesso à escola, era onde inserir as crianças em situação de acampamento e como estabelecer escolas provisórias nessas circunstâncias.

De acordo com Souza (2012) a década de 1990 foi muito importante para as conquistas relacionadas à educação no interior Movimento e que este teve papel fundamental para as reflexões e para formulações de políticas. Caldart (2012) destaca que é essencial se ater à dimensão de pressão coletiva que a Educação do Campo assume ao lutar por políticas públicas mais abrangentes e até mesmo no “[...] embate entre diferentes lógicas de formulação e de implementação da política educacional brasileira.” (2012, p. 263).

Hoje em dia, o contexto que temos é de um grande avanço, ainda que insuficiente, no que diz respeito aos estudos sobre Educação do Campo, nas políticas, no acesso e também à própria consciência dos sujeitos, de entenderem a importância não só do acesso à escola, mas também do tipo de instituição escolar, da concepção de educação almejada e qual a sua função. Entendemos que esse processo de construção de uma consciência coletiva dos direitos e também de um projeto em comum de sociedade faz parte da função da escola, mas também, que a referida instituição estando em um território como de um acampamento, tem uma função ainda maior, que é a de resistência, evidenciada não só na educação formal, em contraposição ao modelo hegemônico de educação – que é extremamente significativo - mas também de resistência neste território, como mais um elemento que constitui a luta pela terra.

Conceber a Escola itinerante enquanto forma de resistência nos territórios nos traz alguns elementos importantes, primeiro quanto ao seu papel, segundo quanto a relação que esta tem junto à comunidade e a luta desempenhada por estes sujeitos. Isso pode ser identificado em diversos documentos desenvolvidos pelo Movimento como no Projeto Político Pedagógico das Escolas itinerantes, por exemplo: “[...] há a necessidade de a prática educativa estar vinculada a processos formativos mais amplos, da escola se vincular a práticas educativas de seu entorno, se abrir para a vida de forma intencional, uma vez que fechada em si mesma não é capaz de atingir os objetivos formativos mais amplos.” (SEED, 2013, p. 31).

As Escolas itinerantes, através da Pedagogia do Movimento, bem como dos princípios educativos da própria Educação do Campo, se tornam, a partir de todas das características de questionamento e combate à educação hegemônica e opressora, um elemento da resistência desses sujeitos. Seja através da luta por uma educação emancipadora ou através de seu estabelecimento dentro de um acampamento de luta pela terra, ambos os elementos são formas de luta e de resistência que podem ser identificados na fala de uma das coordenadoras da Escola itinerante Herdeiros do Saber:

Olha, eu acho que a escola aqui dentro do acampamento ela é de extrema importância né. Porque não dá pra gente imaginar um acampamento desse tamanho sem a escola. Até porque é a primeira resistência nossa aqui dentro é a escola, é a forma de resistir. [...] Eu acho que a importância maior é isso né, é nós saber que nós temos algo aqui que é a questão da resistência. E a outra importância é que eu acho assim, que enquanto acampados, nós, que lutamos por um pedaço de terra, temos que lutar por uma sociedade melhor e não tem como nós pensar nessa sociedade melhor, sem uma educação de qualidade. (ENTREVISTADA 1, 2017).

As conversas que tivemos nas escolas visitadas durante o trabalho de campo, mostram que a relação da escola com a luta é muito forte. Um fator importante também evidenciado durante as conversas é o fato de que a escola acompanha todos os passos do Movimento, seja no momento de construção do seu acampamento, ou nos momentos de mobilização, de ações de luta, o que demonstra ainda mais sua característica de itinerante. Como afirma uma das coordenadoras da Escola itinerante Vagner Lopes, “Nas lutas sempre vai a escola junto. [...] ali (rodovia), por exemplo, que as vezes eles fecham, a gente leva que é fácil trabalhar lá, e trabalha no meio do asfalto, da aula ali com a criançada” (ENTREVISTADA 2, 2017). Questionados sobre a importância dessas atividades para os educandos, os coordenadores afirmam:

Com certeza eles adquirem uma consciência. Vão adquirindo desde cedo, tendo acesso, a essa consciência de classe, entendendo que o que é certo pra luta, muitas vezes pra sociedade “é um bando de desocupado que tão lá no meio da estrada”, que muitos passam “xingando”. Então essas crianças elas vão percebendo e vão começando a pensar pela cabeça delas, sem precisar uma televisão dizer pra elas o que é certo e o que é errado. Elas estão participando ali no dia-a-dia estão percebendo. E se chegar e perguntar pra uma criança dessas, “porque que você tá aqui?”, algumas vão dar uma resposta simples, mas algumas já vão dar uma resposta mais elaborada, dizendo que é porque os pais não tiveram acesso a terra, que isso é um direito que foi negado à eles. Então isso eles vão aprendendo nas atividades de luta também. (ENTREVISTADO 3, 2017).

Algo que percebemos de todas essas atividades em que a escola está envolvida é que elas confirmam a característica de itinerância das escolas. Ou seja, independente do espaço ou do momento em que estão inseridos há a compreensão de que a escola tem que estar junto, seja como tática de defesa ou como forma de luta, mas sempre presente e levando junto a intencionalidade pedagógica para que este momento seja englobado no aprendizado, ou melhor, para que este momento seja por si só um aprendizado de e para a re-existência (PORTO-GONÇALVES, 2006). Outro fato importante de se destacar é que a escola e o próprio Movimento tem considerado que toda prática ou ação realizada dentro do Movimento social faz parte da formação dos educados e de toda a comunidade, ou seja, que são de fato

práticas educativas. E que sendo assim, a Educação do Campo, tem extrapolado o espaço da sala de aula e conferindo à luta pela terra uma dimensão educativa extramente importante, que tende a fortalecê-la.

Conclusão

O trabalho aqui apresentado, ainda que em processo de construção, possibilitou o entendimento de alguns importantes fatos no que diz respeito à consolidação das Escolas itinerantes no estado do Paraná. Primeiramente, podemos destacar a importância da criação dessas escolas, as quais são fundamentais para a garantia do direito ao acesso a educação que ainda é negligenciado por parte do Estado. Além disso, salientar o papel essencial do MST enquanto construtor dessa escola, mas também seu destaque a partir da pressão política realizada, demandando esse direito fundamental. Ademais, apontamos a relevância da própria Educação do Campo, que através das lutas dos movimentos sociais do campo vem conquistando espaço dentro das políticas públicas e contribuindo significativamente para a conscientização dos sujeitos e para sua formação. Entendendo a importância de uma educação construída por eles, que tenha como pressuposto fundamental a relação com a realidade dos camponeses e que esteja comprometida com a transformação da sociedade e do campo brasileiro, lutando pela efetivação da Reforma Agrária e pela afirmação da identidade camponesa.

Percebe-se a grande relação que as escolas têm com os acampamentos e com as áreas de conflito no Paraná e a fundamentalidade dessas escolas para a permanência dos camponeses no campo e na luta pela terra. Isso é evidenciado a partir da própria fala dos sujeitos, os quais demonstram o papel da itinerante na vida dos educandos e das famílias acampadas.

Todas essas questões citadas anteriormente se tornam ainda mais evidentes quando observadas dentro de territórios como os dos acampamentos do MST, pois são territórios em constante movimento, de muita conflituosidade e que necessitam da mobilização dos sujeitos para a resistência e permanência nele. Nesse sentido, percebemos que a instalação de uma escola, como a itinerante em um território como esse só tende a fortalecer a luta. Visto que a própria escola se torna um território de resistência, comprometido com a luta pela terra, além de conscientizar os educandos e toda a comunidade escolar de seus direitos e da importância

de sua luta. E principalmente por fortalecer a identidade camponesa, fundamental também para a r-existência nos territórios e para a luta contra todos os ataques do agronegócio, dos latifundiários e do Estado capitalista.

Referências Bibliográficas

CALDART, R. S. Educação do Campo. In: CALDART, R. S., et al. **Dicionário da Educação do Campo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 259 – 266.

DELGADO, G. C. A questão agrária e o agronegócio no Brasil. In: CARTER, M. **Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 81 – 112.

MST. **Escola itinerante do MST: História, projetos e experiências**. Caderno da Escola itinerante – MST. Curitiba: SEED. Ano VIII n. 1, abril de 2008.

OLIVEIRA, A. U. Camponeses, indígenas e quilombolas em luta no campo: a barbárie continua. In: Comissão Pastoral da Terra. **Conflitos no campo – Brasil, 2015**. Goiânia: CPT Nacional, 2015. p. 28 – 42.

PORTO-GONÇALVES, C.W. A reinvenção dos territórios: a experiência latino-americana e caribenha. In: Ceceña, A. E. **Los desafios de las emancipaciones em um contexto militarizado**. CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales). Buenos Aires, Argentina, 2006. p. 151 – 197.

ROSS, D. **O aprendizado e a resistência camponesa nos acampamentos e assentamento de sem-terra em Quedas do Iguaçu/PR**. 182 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2010.

SAPELLI, M. L. S. **Escola do Campo – Espaço de disputa e de contradição: análise da proposta pedagógica das Escolas itinerantes do Paraná e do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina**. 448 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 69 – 90.

SEED – Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Projeto Político Pedagógico Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak**. Rio Bonito do Iguaçu, 2013.